



GABRIELA MAMODISI

PORTFÓLIO

ESCULTURAS





ESCULTURAS

atualizado - 2025

GABRIELA MAMODISI

BIO STATEMANT



Gabriela Mamodisi (São Paulo, 1986) brasileira naturalizada Chilena, é uma artista visual, performer e pesquisadora das poéticas da natureza cuja obra ressoa como um diálogo sensível e profundo entre o humano e o ambiente natural. Residente e atuante na metrópole paulistana, sua trajetória é um entrelaçamento de memórias ancestrais, identidade genética, investigações antropológicas e um compromisso ético com a planetariedade — alicerces que constituem um universo artístico plural, enraizado em territórios costeiros, articulado pela escultura, land art, ecoperformance e dança ritualizada.

De formação intuitiva desde a infância, sua trajetória tem início na adolescência, com experimentações na pintura e no graffiti, por meio de intervenções urbanas que dialogavam com as metamorfoses do espaço público. Já nesse momento, a artista demonstrava interesse pelas transformações do território e pela ancestralidade, temas que se tornariam centrais em sua prática.

Em 2012, fundou a Sustentabiliarte, iniciativa que promove a integração entre arte, educação ambiental e práticas ecológicas, inspirada pelos princípios da Carta da Terra. Sua atuação parte de investigações antropológicas, identitárias e ambientais, informadas por uma herança genética e cultural povos originários: mesoamericana, iorubá, asquenazes e romani.

Desde 2019, Mamodisi concentra sua pesquisa em um território específico do litoral norte paulista, sobretudo em Ubatuba, onde documenta o avanço do mar e suas implicações ambientais. Neste contexto, coleta madeiras brutas tombadas pelas marés — corpos lenhosos impregnados de sal e tempo — que passam a integrar suas esculturas junto a elementos dos reinos vegetais, minerais e animais, como sementes, musgos, colmeias, argilas, metais e resinas. Suas obras operam como relicários da impermanência, ressignificando materialidades ancestrais frente às transformações climáticas e à erosão de identidades territoriais.

Destaca-se em sua produção a série dedicada ao ciclo das abelhas, polinizadoras essenciais à vida planetária, onde ceras e colmeias tornam-se metáforas da fecundidade, fragilidade ecológica e comunhão com o todo. Paralelamente, sua pesquisa performativa aciona o corpo como território de memória, reconexão e reexistência — evocando gestualidades de povos originários em rituais que tensionam o visível e o invisível, o político e o sagrado. A obra de Gabriela Mamodisi, em profunda sintonia com os princípios do Manifesto do Naturalismo Integral (1978), propõe a arte como gesto vital de escuta planetária, reencantamento do mundo e reinvenção de futuros possíveis.

Devido à minha relação com o mar e a natureza desde a primeira infância, noto que retomar essa conexão de forma artística e educacional, carrega uma potência pessoal sem frivolidades, porém uma coalizão de todas as fases da vida humana.

Encontrei na gama de linguagens artísticas uma forma de expressar meus sentimentos, alinhando com as experiências que venho atravessando no decorrer desta paixão pelo mar, o mundo vegetal e a NATUREZA. As árvores carregam uma simbologia ancestral e primitiva singular em qualquer território do planeta.

Na prática, busco preservar as peças respeitando o ciclo natural das marés. Observo nas madeiras se não há vestígios de vida marinha antes de retirá-las, do contrário elas permanecem. Na composição tento usar o máximo possível de matéria prima orgânica. E no processo natural de degeneração da obra não comprometa os ecossistemas.

CURRÍCULO

EXPOSIÇÕES

- 2025 35° Salão Bunkyo de arte contemporanea
- 2024 Exposição - Para falar de amor, Kura.Te - coletiva
- 2024 Exposição BATUME - Universo alquímico das abelhas - Casarão da FESPSP- individual
- 2023 Exposição Oceano Universo a Conhecer - A Galeria Ubatuba
- 2023 Museu Armando de Arruda Pereira - As marés que trazem - individual
- 2023 Pirâmide Arte - Exposição Dança dos arquétipos- com Marcelo Theodoro
- 2021 Emersão Artística Ecológica - Instituto Mata fria - coletiva
- 2021 Ocupação Nove de Julho, Kura.Te - coletiva

PERFORMANCES E FESTIVAIS

- 2025 Performance / Happenings - The Sun on Theirs wings - Cultivating Ensembles - Saint Elizabeth University Morristown, New Jersey, United States
- 2025 dança ritual -
- 2024 Performance - MELava, Casarão da FESPSP- individual
- 2023 Dança Ritual - Ulimen - Salto, Uruguai
- 2022 Dança Ritual - Omsarah - Serra do Roncador, Mato Grosso
- 2022 Dança Ritual - Raposa - Instituto Torus - Chapada Diamantina - Bahia
- 2021 Manifesto - O grito da Natureza, Retrato do Colapso Ambiental
- 2021 Performance - Medusa, Barra Seca - Ubatuba
- 2021 Performance - Batismo, Emersão Ecologia Artística - Instituto mata fria
- 2020 Performance - Ervas para Gaia, Festival Love Peace Harmony
- 2020 Performance - Mangue, Barra Seca - Ubatuba
- 2020 Performance - Dharmakarma, Roraima - Lago Azul
- 2020 Happenings - Porco negro, Centro de São Paulo - Largo do Arouche
- 2020 Happenings - Defuma a linha, Centro São Paulo- Minhocão
- 2019 Dança Ritual - Ramayah - Laguna Blanca, Vulção Lincancabur Bolivia

ARTIGOS E PUBLICAÇÕES

- 2015 Condecorada – Pacto Mundial Consciente : Sustentabiliarte
- 2016 Escreveu e Ilustrou o Livro: Sentimento tem cor ? Tem sim, senhor !
- 2016 Artigo: Caminhos para uma Ecoeducação Sustentável. UNIFREIRE
- 2021 Artigo: A arte como ferramenta para o alfabetizar ecológico. ETIS



FORMAÇÃO Acadêmica

- 2017 Pós em Arte-Terapia, UNESP
- 2012 Licenciatura Plena em Artes Visuais - FPA
- 2009 Design - Senac

CONCEITO

Ao Corpo e a Matéria: Ecopoéticas de Reencantamento e Resistência

A tessitura poética das obras emerge de um entrelaçamento sensível entre a pulsação estética e uma consciência ecológica que se revela em matéria — onde arte, natureza e ativismo convergem em um gesto estético radical e profundamente engajado. A artista elege como território poético o litoral de Ubatuba, no extremo norte do estado de São Paulo, onde, desde 2019, testemunha e registra o avanço inexorável do mar sobre a terra firme: árvores centenárias são derrubadas, ecossistemas são redesenhados, e a paisagem, outrora estável, entrega-se ao imperativo do colapso ambiental. Nesse cenário de ruína e resiliência, sua prática artística se ergue como linguagem de escuta e ação — um contra-discurso à violência da devastação.

A matéria inaugural dessa poética é a madeira exumada pelas marés — fragmentos arbóreos que, após longos períodos submersos nas águas salobras do oceano e nos manguezais costeiros, são restituídos à superfície como corpos vestigiais, impregnados de história, tempo e metamorfose. A artista acolhe esses restos naturais como se fossem oráculos da Terra, instaurando com eles uma relação quase litúrgica, onde o fazer artístico assemelha-se a um rito de reencantamento.

Ao entrelaçar tais corpos lenhosos com metais oxidados, resinas vegetais, pigmentos minerais, mel, cristais e outras substâncias elementares, a artista engendra uma escultura que se pensa enquanto organismo — não como objeto encerrado em sua forma, mas como entidade viva, onde o gesto plástico coincide com a memória da matéria e a pulsação do planeta. Cada obra torna-se, assim, uma alegoria da impermanência, uma epifania da ruína e uma celebração da potência regenerativa da natureza.

Paralelamente, sua atuação no campo da performance — expressa por meio de happenings, ecoperformances e coreografias rituais — desloca essa mesma poética para o corpo em movimento. Em plena relação com o espaço natural ou urbano, o corpo da artista inscreve-se na paisagem como signo ancestral, evocando os saberes corporais de povos originários, cuja relação com o meio ambiente era tecida na reciprocidade e no sagrado. Sua presença performativa torna-se, portanto, um dispositivo de resistência e memória, fazendo do corpo um território político e poético.

A fusão entre escultura e performance, matéria e gesto, ancestralidade e contemporaneidade, compõe uma ecopoética que não se limita à denúncia ambiental, mas propõe um reencontro sensível com o mundo natural. Sua arte não ilustra a crise climática — ela a vivencia, a transforma e a redimensiona em linguagem estética.

Trata-se de uma prática artística que se compromete com o tempo presente, convocando o espectador a um olhar mais atento, a uma escuta mais profunda e a um engajamento afetivo com os ciclos vitais do planeta. Uma arte que não apenas se inspira na natureza, mas a incorpora como coautora; que não apenas denuncia o colapso, mas esboça, em cada gesto, a possibilidade de um novo pacto entre humanidade e Terra.

SÉRIE MEL

Série MEL – O Arquétipo Alado e a Poética do Enxame

Iniciada em 2023, a série MEL, de Gabriela Mamodisi, constitui-se como um rito estético e simbólico de evocação das abelhas enquanto entidades alquímicas e arquitetas do invisível. Nesta investigação, a artista adentra os ciclos da vida e da morte, o equilíbrio entre veneno e doçura, pungência e cura — forças opostas que coexistem no corpo ínfimo e sagrado das abelhas. Elas são, nesta poética, mais do que polinizadoras: são mediadoras entre reinos, portadoras de uma sabedoria milenar que estrutura a continuidade da vida no planeta.

A obra nasce do entrelaçamento de uma memória visceral: uma picada de abelha à beira-mar na infância, que, por conta de uma alergia severa, transformou o medo da morte em um arquétipo latente. O veneno, longe de ser apenas ameaça, desencadeou um processo de transmutação interna — uma liberação de adrenalina que operou, no corpo da artista, como metáfora da iniciação: a picada como ferida e passagem. A partir dessa experiência, Mamodisi retoma o gesto alquímico de olhar para o trauma como matéria criativa, transfigurando-o em linguagem visual.

A série se ancora em uma pesquisa expandida sobre o ciclo das abelhas e suas interdependências com os elementos da natureza: flores, árvores, rochas, seiva, luz. A obra materializa a geometria mística dos alvéolos — os favos — enquanto linguagem orgânica de repetição e ordem, revelando neles não apenas funcionalidade biológica, mas um código ancestral de habitação e resistência. O favo, aqui, é casa, corpo e cosmos.

Ao integrar o mel, o pólen, o própolis e a imagem enigmática da abelha-rainha, Gabriela constrói uma cartografia sensorial que transita entre o mitológico e o ecológico. Suas obras soam como relicários de um tempo em ruína, onde a beleza das abelhas contrasta com a urgência de sua possível extinção. Cada peça é um chamado silencioso — uma elegia ao desaparecimento de um coletivo que sustenta a biodiversidade e, com ela, o próprio equilíbrio planetário.

MEL é, portanto, uma série em que o gesto artístico se converte em gesto ritual. A artista convoca o espectador à escuta dos ritmos sutis que regem a vida: o zumbido, o voo, o néctar, a dança. Há, nas obras, uma estética da reverência, da simbiose e da escuta profunda. Uma arte que se recusa a narrar a natureza como algo exterior, e sim como algo que pulsa dentro — e apesar — de nós.

Neste conjunto, Gabriela Mamodisi inscreve sua prática como ato ativista e espiritual: um reencontro com a potência simbólica das abelhas enquanto metáforas de uma inteligência coletiva, de um saber feminino e de uma estrutura sensível de mundo. MEL é, ao mesmo tempo, louvor e luto, invocação e alerta — uma oferenda àquilo que ainda pulsa, mas que, silenciado, pode cessar.

O veneno também é o antídoto.





AMPULHETA INCLINADA EM MEL

mel, acrílico e resina vegetal e matéria orgânica (terra e pó de madeira)

1- 21 X 14 X 13 cm

2- 22 X 14 X 13 cm

Série: Mel

2024



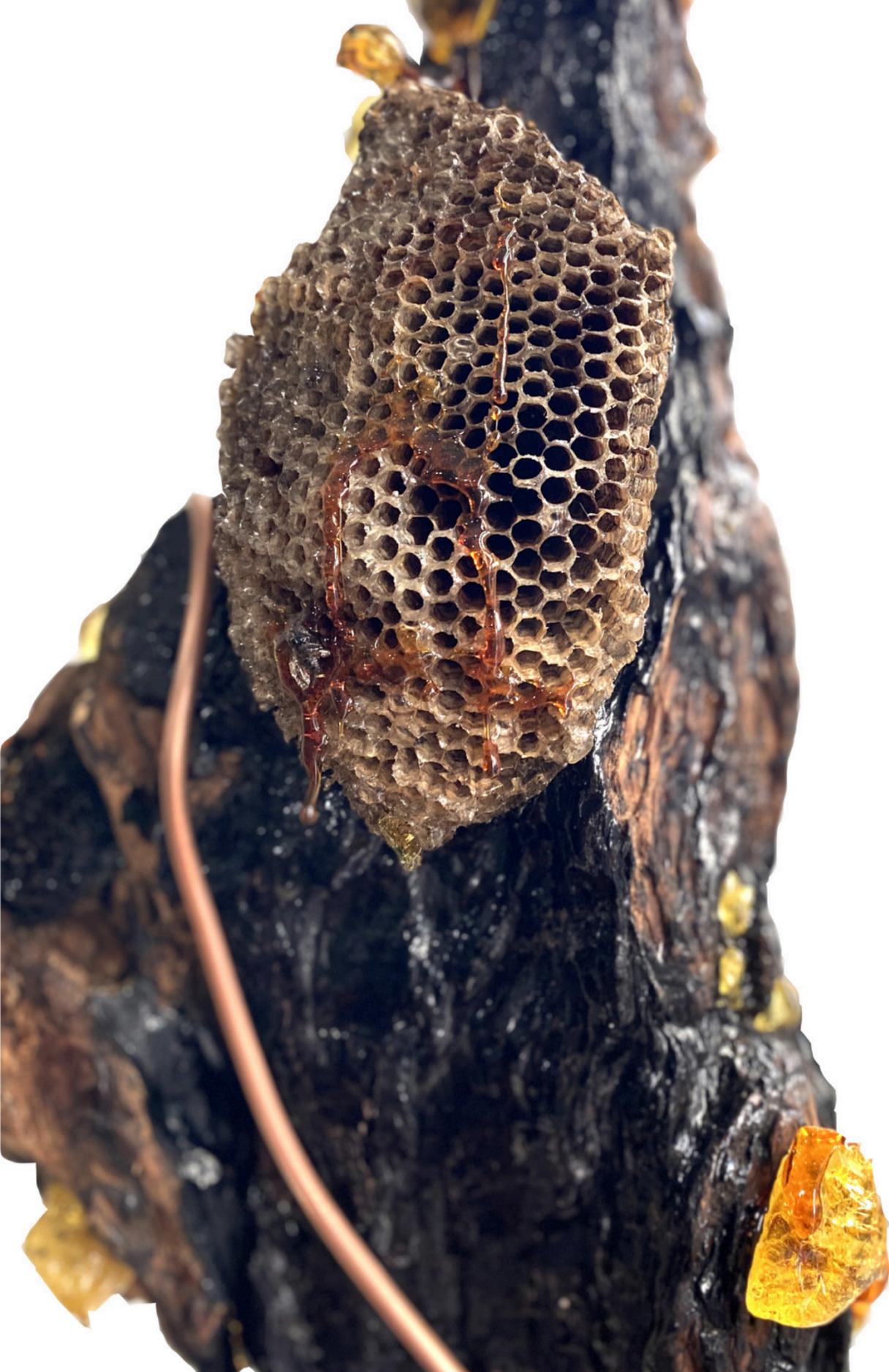
ALVÉOLOS

madeira, minerais, latão, resina
vegetal e matéria orgânica (abelhas)

45 x 17 x 10 cm

Série: Mel

2024



VÍDEO



COLMEIA

madeira, minerais, resinas, cobre e
matéria orgânica (favo e abelhas)

matéria orgânica

180 x 47 x 23 cm

Série: Mel

2023



FRAGMENTO DE GELÉIA REAL

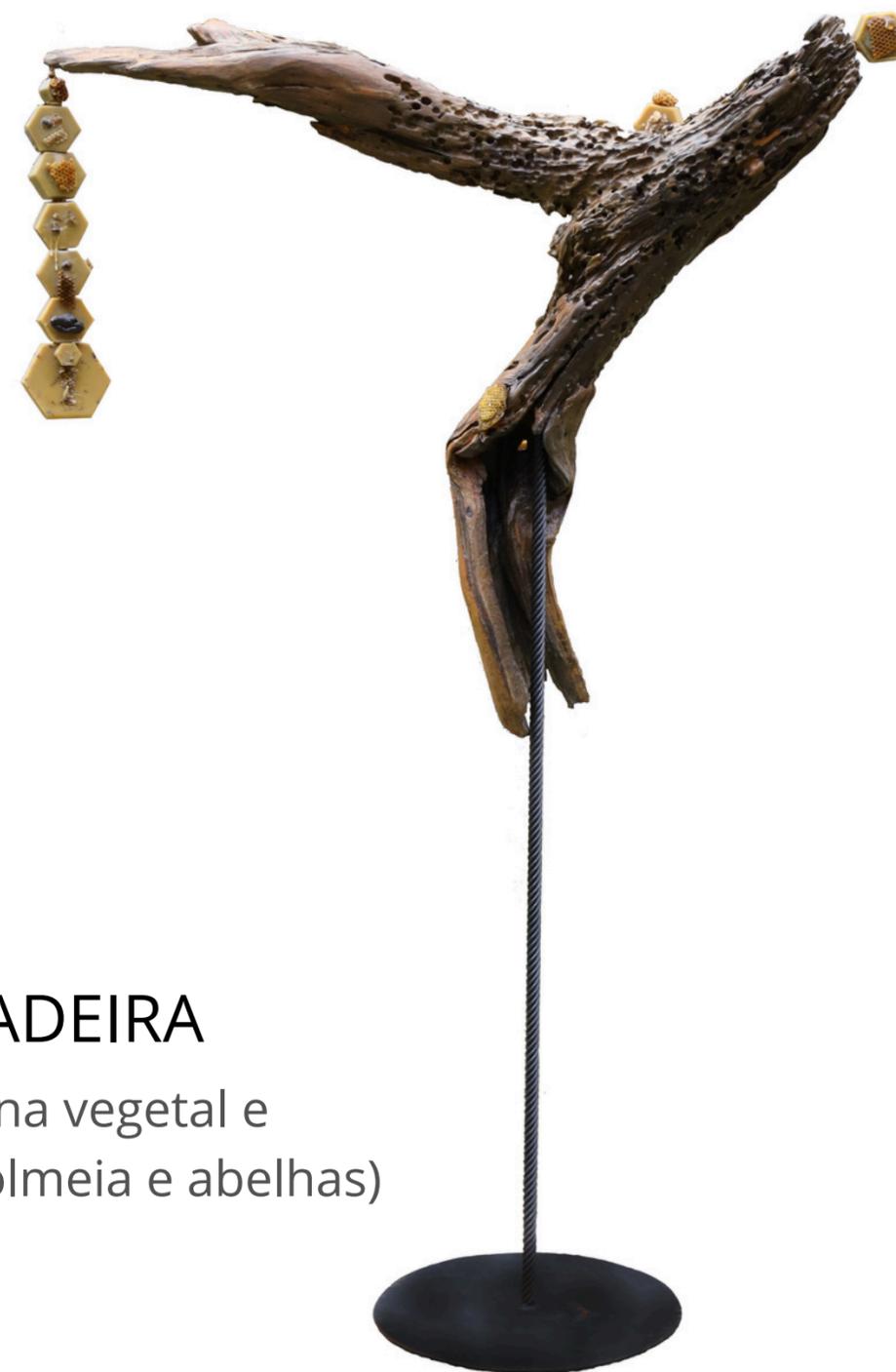
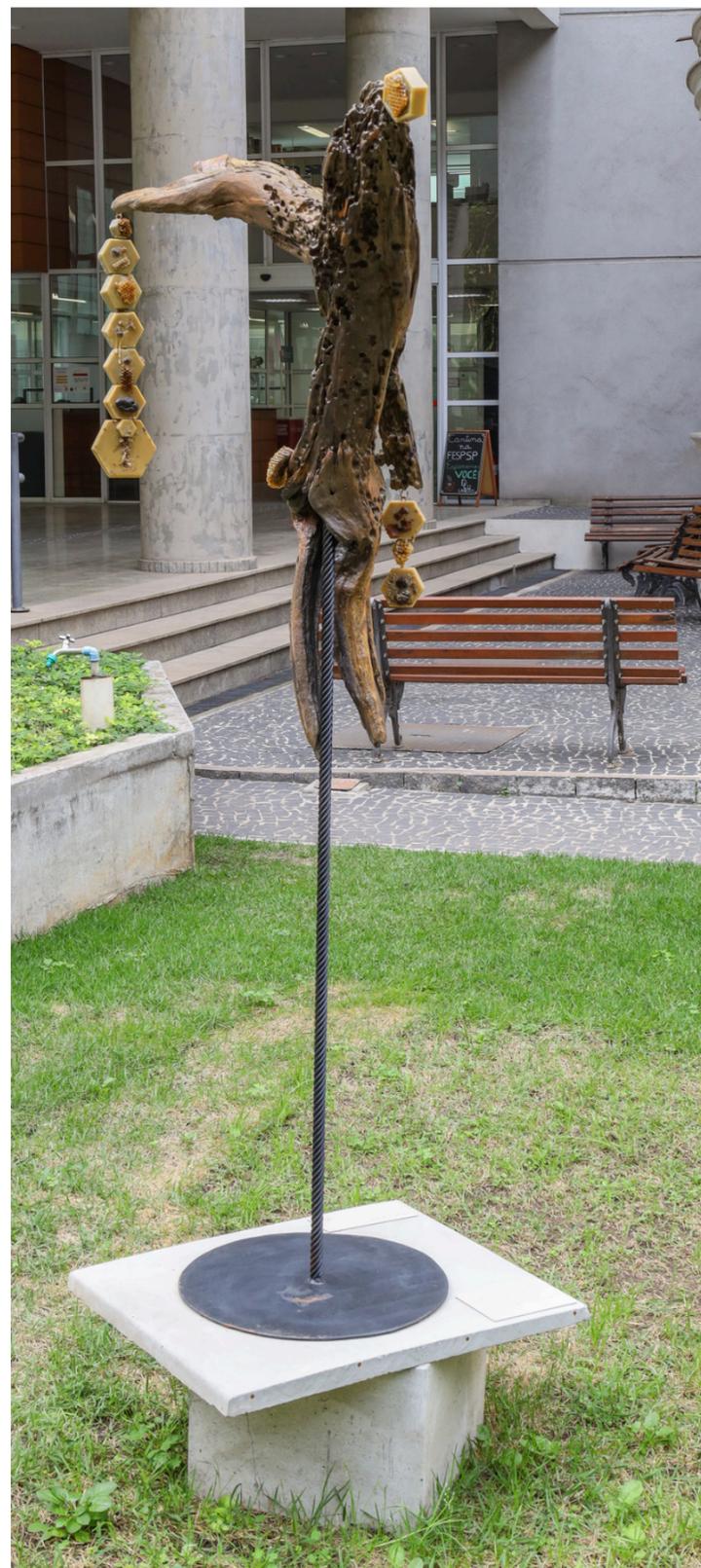
madeira, metal, resina vegetal, matéria orgânica (abelha, favo e ovo)

98 x 25 x 13cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



CERUME NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (colmeia e abelhas)

177 x 105 x 20 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



VÍDEO



FAVO

madeira, cobre, minerais,
resinas e matéria orgânica
(favo e abelhas)

117 x 21 x 21cm

Série: Mel

2023



VÍDEO

ABELHA RAINHA

madeira, cobre, resina vegetal e
matéria orgânica (favo e abelha)

47 x15 x 5 cm

Série: Mel

2023



PÓLEN

madeira, minerais, resina vegetal,
cobre e matéria orgânica (polén,
abelha e favo)

117 x 21cm

Série: Mel

2023



ENXAME

madeira, cobre resina vegetal e
matéria orgânica (abelhas)

71 x17 x 12 cm

Série: Mel

2023



GOTAS DE PRÓPOLIS NA COLMEIA

madeira, mineral, resina vegetal,
matéria orgânica (colmeia e abelhas)

71 x 17 cm

Série: Mel

2023



INTERVENÇÃO HUMANA NA ARQUITETURA BIOLÓGICA

madeira, favo, batume e resina vegetal

81 x 49 x 6 cm

Série: Mel

2024el

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



O FERRÃO É VISCERAL

madeira, minerais, resinas e cobre

67 x 11 x 8 cm

Série: Mel

2023



BESOURO DA COLMEIA NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (besouro e abelhas)

199 x 40 x 14 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



ABELHA NO CUPINZEIRO

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (abelha e favo)

86 x 25 x 17 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



CÁLICES - A NATUREZA, O HOMEM

madeira, mel , vidro matéria
e orgânica (abelhas e favo)

23 x 51x 13 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



COLÔNIA MELÍFERA

madeira, metal, resina vegetal,
matéria orgânica (abelhas)

79 x 40 x 40 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



RECOMEÇO

Madeira, cobre, resina, cera de abelha e matéria orgânica (favo)

41 x 25 x 28 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



FAVO DE MEL NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (colmeia e abelhas)

175 x 40 x 20 cm

Série: Mel

2024



MEL CRISTALIZADO

madeira, metal, resina vegetal e
vidro

31 X 50 x 50 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



CATIVEIRO INDUSTRIAL PELA POSSE DO MEL

madeira, mel, vidro e colmeia

62 x 56 x 57 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



BATUME NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (terra e colmeia)

203 x 32 x 25 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo

SÉRIE LIVRE

— Ritos de passagem, Sal e Memória

A série LIVRE constitui-se como um gesto contínuo de escavação poética da artista Gabriela Mamodisi, em que o corpo, o tempo e a matéria se entrelaçam numa tessitura ritualística de memória, identidade e transformação. Através da escultura, da dança e da performance, Mamodisi elabora um percurso em que arte e vida se dissolvem, e a criação emerge como ato de reconfiguração simbólica dos ciclos humanos — especialmente aqueles ligados à ancestralidade feminina, à dor transgeracional e ao rito de passagem.

O fio condutor desta série é a madeira submersa — fragmentos orgânicos devolvidos pelo mar, impregnados de sal, silêncio e tempo — que funcionam como suportes simbólicos das narrativas que a artista carrega em seu corpo e em sua linhagem. Essas madeiras, vindas de árvores tombadas pelo avanço do mar, são aqui reinscritas como oráculos da impermanência: elementos que sobrevivem ao afogamento, como a própria memória ancestral que insiste em retornar, mesmo submersa.

LIVRE se desdobra como um território de transmutação, onde se inscrevem os rastros de uma genealogia plural: etnias mesoamericanas, iorubás, asquenazes, romani e o sangue indígena ona (Selk'nam), herdado por via paterna. Essa multiplicidade genética e simbólica não é apresentada como soma ou inventário de origens, mas como um corpo em deslocamento — um corpo que dança, que atravessa geografias e que reinscreve suas dores e forças em matéria artística. A liberdade, nesse contexto, não é apenas um conceito — é pulsação, é movimento de travessia, é o sopro nômade de quem caminha entre mundos.

As obras evocam, sobretudo, o rito da primeira menarca — o sangue como limiar do feminino ancestral, como chave de passagem entre o corpo criança e o corpo mulher. Nesse sentido, LIVRE se propõe como uma série cíclica, não linear, que se expande conforme as metamorfoses da própria artista: fases da vida que exigem ser marcadas, ritualizadas, transformadas em arte.

LIVRE é, assim, uma série aberta — um gesto orgânico de transfiguração em que a artista ritualiza fases da própria vida, marcando-as em matéria e gesto. Entre ruína e renascimento, Gabriela Mamodisi afirma uma estética da travessia, em que arte, ancestralidade e natureza se fundem para restituir à criação seu poder arcaico de transformação.



MUSGO

madeira, metais, resina vegetal e
matéria orgânica (musgo)

44 X 25 x25 cm

2024



ONAS

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (concha)

71 X 26 cm

2024



LUA VERMENHA, 1999

madeira, metal, resina vegetal e matéria orgânica
(sangue, pigmentos e conchas)

96 X 12 x 12 cm

2024



ROSAS SEM ESPINHOS

madeira, metal, resina Vegetal e
Matéria Orgânica (rosas)

98 X 21x21 cm

2024

SÉRIE PROFUNDEZAS

— Topografias de uma fase

A série PROFUNDEZAS emerge como o primeiro corpo de trabalho concebido por Gabriela Mamodisi após uma experiência limítrofe com a morte: um grave acidente de bicicleta, que a deixou em coma por cinco dias, após um estado de serenidade horas antes do impacto. Longe de um relato autobiográfico direto, esta série se estrutura como uma investigação visual sobre os estados de suspensão entre presença e ausência, consciência e abismo — territórios onde a vida se torna matéria especulativa.

Cada obra que compõe PROFUNDEZAS carrega em si a densidade de um tempo reconfigurado, onde o passado se transmuta em fragmentos imprecisos e o presente opera como tentativa de costura, recomposição e reinscrição do ser. A série se constitui, assim, como um atlas sensível do “estar viva”, articulando camadas de memória, corporeidade e silêncio.

A artista opera com uma linguagem que alude a formações geológicas e marinhas, como se cada peça fosse um sedimento de experiências internas, vestígios acumulados de um mergulho involuntário em suas próprias zonas abissais. A noção de “mar interior revolto” aqui não é metáfora gratuita, mas um eixo poético que articula as intensidades do trauma e da recuperação como processos não lineares, onde a matéria adquire a opacidade e a densidade do que não pode ser plenamente narrado — apenas evocado.

PROFUNDEZAS compreende obras concebidas entre 2021 e 2023, e pode ser lida como um arquivo visual da reconstrução subjetiva, onde cada elemento compõe uma espécie de cartografia emocional do intervalo entre ruína, enigmas e ressurgimento. Não se trata, porém, de redenção, mas de enfrentamento: o gesto artístico torna-se uma estratégia de atravessamento do real apresentado, onde a forma busca dar conta do informe, e o corpo — mesmo fragmentado — ancora o sentido da continuidade em meio ao caos firmado.

Nesta série, Mamodisi desloca o gesto da sobrevivência para o campo da criação, transformando a experiência de colapso em linguagem. A artista constrói uma poética das fissuras, das camadas e das texturas como modo de pensar a profundidade não como opacidade, mas como espessura da experiência. PROFUNDEZAS não se apresenta como resposta, mas como campo aberto à deriva — uma escuta das zonas não-ditas da vida, o amor salva.



O CAMINHO DO MEIO FINCADO

madeira, minerais e latão

140 x 63 cm

Série: Profundezas

2022



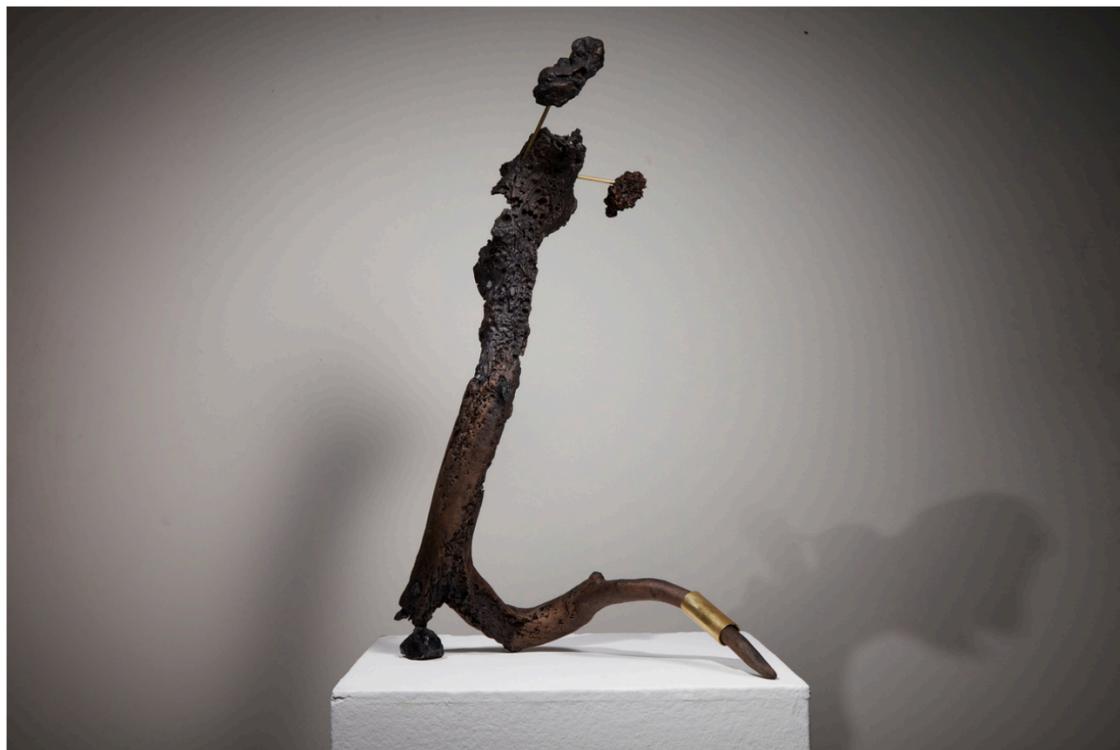
MAR REVOLTO E.V

madeira, minerais e latão

47 x 53 x 21 cm

Série: Profundezas

2022



FLOR SERPENTINADA

madeira, minerais e metal

76 x 52 x 25 cm

Série: Profundezas

2022



AMAZONAS

madeira, minerais , latão e pérolas

84 x 17 cm

Série: Profundezas

2023



I Itauröri
(Vulva na língua Nahukwá -
dicionário tupi-guarani)

madeira, minerais e latão

90 x 13 cm

Série: Profundezas

2023



PENDULAR

madeira, minerais e latão

70 x 17 cm

Série: Profundezas

2023

SÉRIE_ MEMÓRIAS DO ALTAY



A série Memórias do Altay, de Gabriela Mamodisi, constitui um corpo de esculturas que opera na intersecção entre antropologia simbólica, memória corporal e matéria ritualizada. O ponto de partida da pesquisa se ancora nos saberes ancestrais do xamanismo oriundo da região do Altai — território que se estende pela Sibéria e áreas da Ásia Central — onde, ainda hoje, persistem práticas de escuta da natureza, do tempo cíclico e dos estados alterados de consciência como formas de conhecimento.

Partindo de uma linhagem pessoal composta por matrizes mesoamericanas, iorubás, romani e asquenazes, Mamodisi tensiona, em suas esculturas, a relação entre memória individual e legado ancestral. Neste conjunto de obras, a artista mobiliza um gesto de reconstrução simbólica do corpo feminino em sua temporalidade original — lunar, cíclica e conectada aos ritmos da Terra.

As esculturas são criadas a partir da fusão de elementos orgânicos e simbólicos, como a madeira submersa — coletada de forma não extrativista em regiões litorâneas impactadas pelo avanço do mar — e a aplicação de seu próprio sangue menstrual, colhido durante sete luas consecutivas. Este fluido vital, misturado ao mel, torna-se agente alquímico no processo escultórico: não apenas uma substância aplicada, mas um elo material entre corpo, tempo e matéria.

Diferente da ideia tradicional de modelagem, Mamodisi entende a escultura como território de inscrição da vida. As formas evocam vestígios arcaicos, estruturas totêmicas e signos que se aproximam de artefatos etnográficos sem jamais se reduzir a uma representação. São corpos-matéria que emergem como camadas de tempo condensado — uma arqueologia íntima daquilo que o corpo lembra, carrega e transmuta.

Ao invés de ilustrar o mito, a artista o vive no gesto. Em seus processos, a escuta das emoções, variações hormonais e estados perceptivos durante os ciclos menstruais se integram à feitura da obra, instaurando um campo expandido de criação onde o corpo da artista não é apenas fonte de linguagem, mas linguagem em si.

Memórias do Altay propõe, assim, uma ecologia simbólica da escultura — onde os reinos animal (o mel), vegetal (a madeira), e mineral (os pigmentos, cristais e sedimentos) convergem como matéria viva em transformação. O resultado é uma série que desafia os limites entre arte e rito, objeto e corpo, ciência e mito, convocando o espectador a adentrar um espaço de suspensão, onde o tempo linear é substituído pela pulsação contínua dos ciclos.



RIO DE SANGUE OB 02

madeira, minerais e sangue.

52 x 12 cm

Série: Memórias de Altai

2020



RIO DE SANGUE OB 04

madeira, minerais e sangue.

43 x 7 cm

Série: Memórias de Altai

2020



RIO DE SANGUE OB 03

madeira, minerais e sangue.

52 x 20 cm

Série: Memórias de Altai

2020

SÉRIE_ CRIATIVO RECEPTIVO

Na série CRIATIVO RECEPTIVO, Gabriela Mamodisi investiga as camadas sensíveis que articulam natureza, rito e criação, estabelecendo um diálogo entre elementos orgânicos e dimensões simbólicas da experiência humana. Composta por nove esculturas, a série nasce de um campo de escuta entre corpo e matéria — entre o gesto da artista e a potência silenciosa dos materiais.

As obras são estruturadas com madeira, minerais, tecidos e sedimentos — matérias que, em seu estado bruto, conservam vestígios do tempo e da paisagem. Longe de submeter a natureza à forma, Mamodisi atua como quem colabora com ela: sua prática escultórica propõe uma escuta ativa daquilo que a matéria quer dizer.

Inspirada pelo legado poético e político de Frans Krajcberg e pelos princípios do Manifesto do Naturalismo Integral (1978), a artista compreende a arte como extensão da própria ecologia sensível do planeta. Como sugerem os naturalistas, não se trata de expressar uma "vontade de potência", mas de acessar outros estados de percepção — modos de estar no mundo que reverenciam a interdependência entre todas as formas de vida.

Cada escultura da série é concebida como um microcosmo cerimonial, onde o rito é evocado não como reconstituição etnográfica, mas como pulsação simbólica. Há, em cada peça, uma contenção meditativa: uma forma que acolhe o invisível, uma reverência à potência receptiva da criação, onde o fazer artístico se aproxima da oferenda, da escuta e do cuidado.

CRIATIVO RECEPTIVO não apenas celebra a natureza — propõe uma reconfiguração do lugar do humano no mundo, devolvendo ao fazer artístico sua dimensão integradora. As obras, em sua materialidade silenciosa, convocam o espectador a uma experiência mais atenta e sensível do tempo, do corpo e da paisagem.



01CR-06

Madeira, corda (algodão) e minerais

37 x 30 cm

série: Criativo Receptivo

2020



01CR-08

Madeira e minerais

84 x 18 cm

série: Criativo Receptivo

2020



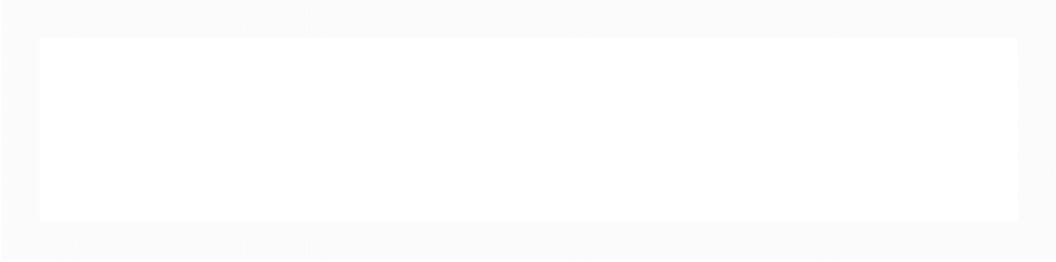
01CR-07

Madeira e minerais

86 x 12 cm

série: Criativo Receptivo

2020



7GAMA.COM

gabrielamamodisi@gmail.com

<https://www.instagram.com/gabrielamamodisi/>

+55 11 96652-5227